

O CORPO DA MULHER IDOSA: ENTRE MEMÓRIAS E ESQUECIMENTOS, AS LEMBRANÇAS DAS AULAS DE SAMBA DE RODA

MÔNICA ALVES SOUZA¹
MARIA DE FÁTIMA A. DI GREGÓRIO²

Resumo

Este ensaio propõe uma comunicação entre corpo, esquecimento e memória da mulher idosa, resgatado através das aulas de samba de roda, realizadas durante o ano de 2018 no município de Jequié BA, durante a disciplina Tópico I: Memória, Etnicidade e Educação do curso de pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade na PPGREC/UESB, com uso da metodologia da seleção do trecho '*memória e lembrança também é esquecimento*' para elaboração do manuscrito. Através da expressão ao objeto de estudo que é a mulher idosa e seus relatos da trajetória de vida.

Palavras Chaves: Corpo, Mulher idosa, Memória e Envelhecimento.

Introdução

Trabalhar com a pessoa idosa e em especial com a mulher e idosa aqui neste ensaio, é estar sempre se vendo um pouco de fora como observadora encantada pela arte e poesia. Pensar em idosas cujas habilidades motoras de agora com certeza não serão as mesmas daqui um tempo, é ingressar em movimentos de idas e vindas de lembranças, memórias que transitam no dia a dia dessas mulheres.

As lembranças dos afazeres corriqueiros também não serão os mesmos. Idosas que não têm em suas memórias uma visão fixa, estática, cristalizada de cada momento e acontecimento que ocorrem no passado e numa memória mais recente. Pelo contrário, existem múltiplas possibilidades de se construir uma versão do passado e reconstituir cada lembrança como uma colcha de retalhos onde a artesã puxa fio a fio pelas lembranças que vem e vão.

1. As narrativas do passado...

É nesse momento, o da narrativa de uma versão do passado, que as lembranças deixam de ser memórias para se tornarem histórias. Lembranças que permanecem entre sombras e luzes, ideia defendida por Bosi (1994) quando diz que é preciso conservar a arte de narrar, pois as histórias vividas parecem cair no esquecimento se não registradas.

¹ Licenciada em Educação Física (UESB) Aluna do Programa de Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade (UESB/PPGREC)

² Doutora em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal), Mestre em Memória Social (UNIRIO). (UESB). Profa Titular B do Departamento de Ciências Humanas e Letras (DCHL/UESB /UNEB).

Perceber idosas em movimentos de corpo, buscando lembranças e memórias desveladas em cada gesto, criando personagens que narram pelo corpo, que fazem parte da história que está sendo construída pela ouvinte escritora. Dessa maneira, um mundo de vivências, de contradições e de projetos parecem que não vingaram, mas que podem chegar até nós, não como realmente existiu, mas como foram experimentados e como, hoje, são vistos e reconstruídos. E conviver dia a dia com esse público idoso, nos faz refletir que cada ser avança rumo ao envelhecimento e isso é um imperativo categórico como diz Kant.

Queremos deixar aqui registrado que esse dia a dia de contato, teve uma parada momentânea no ano de 2020/2021, por conta da invasão do COVID 19 que impediu as rodas de encontro com o grupo. Mais de um ano de isolamento social, por estarem dentro do chamado grupo de riscos em decorrência das doenças crônicas degenerativas que acometem a pessoa idosa, fez com que as idosas da terceira idade se isolassem. O ficar em casa, as notícias de elevado número de óbitos em todo mundo, mudou a rotina física e emocional de cada mulher idosa que em seus aposentos, relembra a vida.

Sabemos que de modo histórico e cultural, as mulheres nunca tiveram voz ativa pelos impactos de um patriarcado advindo dos processos de colonização. Entretanto, sempre reina uma mulher que questionada sobre suas habilidades intelectuais, sobre a forma que é tratada.

Priori (2000, p.112) pontua que o corpo da mulher era sempre visto como mero objeto sexual, pertença masculina ou ainda triunfo de seus companheiros(as) e quanto às oportunidades surgem, as fronteiras são demarcadas. Barth (1976) mostra que a fronteira é também um lugar onde as pessoas “jogam”, “dançam a vida”, um espaço lúdico. E dentro do mercado de trabalho que não são igualmente distribuídos os papéis, mostra os *déficits* da imensa desigualdade e desrespeito que ainda prevalece em pleno século XXI. Se a mulher era considerada na antiguidade por natureza ‘uma agente de satã’, toda a sua sexualidade podia prestar-se à feitiçaria, como se seu corpo, ungido pelo mal, correspondesse às intenções malignas de seu senhor. Esse pensamento de Priore (2000), irradiam preconceitos e se multiplicam quando a mulher em questão é a mulher idosa, pois privilégios nunca foram assegurados para e principalmente por elas. Todavia, os homens estabeleceram que o lugar da mulher fosse sendo submissa, limitando-as em sua atuação, delegando –lhe funções cobrando modelos de educação e criação dos filhos (as). A elas foram delegadas funções domésticas,

cuidados dos enfermos da família, servidão sexual. (D'INCAO, 2000, p. 223).

Porém, as lutas não param e as mulheres avançam rumo a uma emancipação integral, por mais vagas de trabalhos e salários igualitários, por funções que se juguem competentes em exercê-las e principalmente que seus corpos não sejam julgados, objetificados. E que o ir e vir possa ser com a roupa que elas quiserem e que possam estar nos lugares que queiram estar e essas mulheres idosas do grupo de Terceira Idade, lutam com as armas que lhe são ofertadas, pela vida, pela independência e autonomia que parece esvair.

Interessante é pensar sobre valores em gerações, convicções que se guarda em pessoa idosa e que não servem mais para o mercado de trabalho imediatista, pois quem não tem novas habilidades, parecem estar obsoletos e nada ágeis. As mulheres idosas que apresento neste relato, se mostram com o corpo e as rugas de um tempo muito bem empreendido, com muita vontade de aprender e construir nas relações, novos conhecimentos que possam ao menos caminhar com a coletividade e estarem inseridas numa coletividade que parece ter os mesmos valores.

A mulher idosa, depois de ter se dedicado toda uma vida aos cuidados domésticos, a educação e criação dos filhos e atenção especial às vontades do marido, sem contar àquelas que conseguiram sua autonomia e trabalharam fora e hoje se veem aposentadas, tem suas habilidades questionadas pela família, se entregam a uma vida sem motivação.

Porém esse quadro muda, quando essas mulheres se encontram com outras de sua geração. Seja nos grupos religiosos, nos grupos de assistência social ou nos grupos de convivências para a terceira idade formados em bairros das cidades. Ao perceber no corpo do (a) outra (a), é posta em perspectiva de semelhança com os seus níveis de funcionalidade motora, cognitiva. Com assuntos em comum, traz uma sua nova rotina diante do envelhecimento: um contentamento frente às dificuldades que o corpo já traz. Foi num desses grupos de encontro de mulheres idosas que uma altivez e vivacidade veio à tona, assim por elas percebido. O grupo de aposentadas Saúde em Ação do Hospital Prado Valadares do município de Jequié no sudoeste da Bahia, já estava sem uma rotina de encontros há algum tempo. Consegui movimentar esse grupo em uma coreografia que elas me pediram para montar, para receber o governador na Bahia na inauguração de uma outra parte do hospital.

A dança que experimentaram foi o carimbó (dança regional do Estado de

Belém do Pará – região norte do país) e a escolha por relatar e deixar aqui neste manuscrito registrado os elementos do *samba de roda* se dá por conta das contribuições que elas levaram para construção coreográfica, através das memórias que cada uma carregava das canções e do molejo que cada aula trazia à tona. – Há um momento em que o homem maduro (e a mulher madura) deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. Segundo Bosi (1994 p.63), há de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade.

2. Lembro e danço a vida...

Ao mencionar que ‘consequimos movimentar esse grupo’ referimos primeiramente no preconceito religioso encontrado em relação ao carimbó: “- essas danças é coisa do diabo”- Disse uma das frequentadoras desde grupo o que fez que muitas acabassem desistindo de dançar para a inauguração do hospital. Como nos propomos a buscar oportunidades para que a mulher idosa esteja em evidência, seja com apresentação cultural, seja na realização de algum evento, fomos até outras mulheres idosas de outros grupos que já trabalhavam no grupo e fizemos o convite de se juntarem ao grupo Saúde e Ação. E muitas aceitaram.

A inauguração foi um sucesso e todas elas se sentiram em estado de graça como nunca tinham se sentido, segundo o que algumas me relataram e também demonstraram pois dava para ver no brilho dos olhos delas e na emoção de quem as assistiam. Motivadas a continuarem dançando e, com a tentativa de perpetuar aquela sensação do dia da inauguração, elas resolveram montar uma coreografia com *samba de roda* “por fazer parte da nossa história e ser algo da nossa cultura” ressaltou uma das coordenadoras. A partir daí surge um sentimento de pertencimento com a cultura regional e um de acolhimento de mulheres com afinidades mesmo que em outros aspectos sejam bem diferentes. A fala dessa coordenadora coaduna com o pensamento de Pinho (2003, p 8) quando ele afirma que:

Identidades e culturas se auto elaboram, num jogo reflexivo e crítico, encharcado de determinações históricas, plenamente político e profundamente complexo, um jogo ainda assim aberto e que extrai seu sentido não da encenação de algum conteúdo exterior que se presentifica.

Com essa identidade trazida à tona começaram os encontros semanais. Primeiro pedi que trouxessem alguma coisa para batucar, quem tivesse pandeiro, timbau, tambor ou qualquer coisa que pudesse emitir uma boa sonoridade, e assim elas o fizeram. Depois pedi para rememorar o que estava diretamente ligado as memórias que cada uma trazia do seu tempo de infância.

Venancio (2008, p. 47) escreve: “lembrar-se da infância é o passado em imagens, surge aqui a necessidade de reviver,” e desse modo, começam a proposição das imagens internas para que todas as outras pudessem assisti-las. Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas: Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida, elas atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecível.

Com esse pensamento de Bosi (1994, p 60), perguntas foram feitas para cutucar a memória e descobrir o que causava ainda rebuliço. Quando criança como é que cada uma mexia o quadril nos seus folguedos? Quais as brincadeiras eram mais parecidas com uma dança? Quais versos elas recitavam para um “broto” ou nas brincadeiras de rodas?” E por fim quais músicas de samba de roda elas carregam ainda em suas memórias? E como afirma Bosi (1994), “o ciclo temporal é comum a todos: vivemos a noite, as semanas, os meses...” Mas, podemos pensar que os períodos da vida, quando lembrados, não são proporcionais na narrativa ao tempo cronológico. Podemos pensar que em atividades repetitivas e com pouco significado, nos remete a ideia de uma rotina burocrática que parece levar a uma eternidade.

Fazemos uma ressalva: memória e lembrança estão aqui no mesmo sentido semântico, social, dinâmica contidas no relato, A memória como sendo algo que perdura que está enraizado nas vivencias passadas dessas mulheres idosas. E também usamos a memória como lembrança imediata, principalmente no que esteja referente a lembrar de quem está dos lados na coreografia, forçando-as lembrar da execução da própria coreografia e os tempos da música para as variações coreográficas.

Muitas vezes, quando observamos uma pessoa idosa é como se fosse alguém sem passado, sem sobressaltos, como se aquela imagem grisalha estivesse ali desde sempre, sem nos darmos conta que cada marca, ruga, cabelo branco ou

até mesmo cicatrizes contam uma porção muito pequena daquela pessoa. (VENANCIO 2008).

As memórias revividas por elas no processo de montagem da coreografia do samba de roda trouxeram certezas que muitas tinham dificuldades de perceber. O samba de roda que utilizamos foi o samba de roda tradicional do recôncavo baiano na qual aparece o *miudinho*, terno defendido pelo IPHAN (2006):

Percebe-se que o *miudinho* não corresponde ao que foi chamado de caminhada, sendo um movimento, além de obviamente mais complexo, sensivelmente mais rápido que os passos do cotidiano. (IPHAN 2006, p.49)

E a percepção que tiveram, em seus corpos que, pensavam ter registradas nas memórias corporais a agilidade, acompanhada de destreza, foi outra: o *miudinho* as colocou cada uma em seu tempo presente e com suas habilidades motoras um tanto que debilitadas. Deste modo, exercícios que pudessem fazer com que criassem uma nova memória daquele passo, foram intensificados. Exercício de respiração consciente também entrou na rotina, pois elas perceberam que como o *miudinho* não fazia mais parte de seus registros corporais, aquele corpo envelhecido de mulher e até algumas comodidades advindas processo de envelhecimento fazia com que todas se cansassem mais rápido. Mantivemos, por esta razão, treinos que pudessem primeiro condiciona-las e deixá-las preparadas em suas capacidades cardio respiratórias.

Com o intuito de intensificar esse treinamento inserimos as músicas por elas lembradas com o passo do *miudinho*. Elas tinham que sambar e cantar ao mesmo tempo. Por se tratar da mulher idosa esses treinamentos iniciais não duravam mais que quinze minutos, pois a intenção era aquecê-las para o processo de montagem da coreografia. E o esquecimento?

Bosi (1994, p 60) pontua: “Lembrar é um exercício entre o que é esquecido e o que se consegue ativar e pode ser um jogo lúdico, sem tanta cobrança, ainda que a falta de memória perturbe o senso de autonomia.” Dentro de seus lares, em condições distintas dos encontros com essas mulheres, as memórias antigas deram lugar a memórias recentes das amigas do grupo. E recordar passou a ser um tipo de presença. Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida.

Às vezes o cérebro precisa esquecer para continuar lembrando. Parece bem contraditório, mas as informações, imagens, lugares, histórias, sabores que o cérebro vai armazenando ao longo da existência, às vezes precisam ser deletadas para sobrar mais espaço. Porém só cabe a cada pessoa saber o que é mais importante para si mesma, pois em muitos dos casos a memória recente se torna difícil manter, mas as passadas perduram. Como completa Venâncio (2008):

“(...) esquecer é correr o risco da interrupção. É a terrível sensação da ausência de lembrança. No entanto, o esquecimento permite agir, adaptar-se e mudar. (...) por outro lado, o esquecimento permite anular as lembranças que machucam, tornando a existência insuportável”. (VENÂNCIO, 2008, p. 63).

Nesse processo de memória e esquecimento, as aulas de samba de roda se desenrolaram e um diálogo que puxa fio a fio as histórias vividas. Fazê-las lembrar das suas vivências passadas, trazia recordações carregadas de saudosismo... Fazê-las lembrar das marcações (tempo-espaço da dança), as posições e até mesmo a coreografia, as colocava diante delas mesma e da condição momento presente: uma mulher idosa que está envelhecendo. Porém não havia espaço para lamúrias: voltava e faziam de novo. Errou? Volta e faz de novo. Esqueceu? Volta mais uma vez, até ficar natural e chegar ao ponto de se sentirem feliz com o que estão dançando. E assim fomos montando, coreografando e dançando.

E o corpo? Historicamente o corpo tem se mostrado de várias formas e em algumas conjunturas ele tem sido fundamental para compreender e expressar as características da organização social na qual se está inserida. O corpo humano tem sua constituição biológica e é reflexo de uma construção sociocultural. Qualquer sociedade trará o corpo sempre submetido a um conjunto de normas e práticas de interdição, fruição ou controle.

As modificações no corpo estiveram presentes em diferentes épocas e civilizações. A ornamentação e as marcações utilizadas no neolítico, às tatuagens e brincos dos povos *maoris* (nativos da Nova Zelândia), o embranquecimento da pele na antiguidade, o espartilho da era moderna, entre muitos outros, serviram aos mais diversificados fins: para embelezar, para marcar uma classe social, como meio de representar a divindade, como modo de pertencimento ou de exclusão a um grupo.

Por conta disso é que não existem corpos que sejam vazios de qualquer experiência pois Oliveira (2001) diz:

O que marca o humano são as relações dialéticas entre esse corpo, essa alma e o mundo no qual se manifestam relações que transformam o corpo humano numa corporeidade, ou seja, numa relação expressiva da existência" (OLIVEIRA 2001 p.44).

E é depois de ter se dedicado por anos à ordem do lar, à criação e educação dos filhos e cuidados aos maridos e familiares ou mesmo aquelas que trabalharam fora, que as mulheres idosas se veem sem uma rotina que as mantenha com uma ocupação ativa e produtiva. A mulher idosa se vê impotente e incapaz diante dos afazeres que já não conseguem mais realizar com tanta maestria.

O ócio se torna frequente, as dores físicas que acometem a pessoa no processo de envelhecimento se tornam constantes. Muitas vezes os familiares - na vida contemporânea com todas as exigências que a sociedade lhes atribui - não incluem como parte da rotina a atenção a uma idosa, a paciência e a escuta. O acompanhamento das fragilidades do processo natural do envelhecimento requer perceber a vida como um sopro.

Fazemos aqui alusão a um poema de Cruz e Souza (1943) – *O Emparedado*: “Se caminhares para a direita baterás e esbarrarás ansioso, aflito, numa parede horrendamente incomensurável de Egoísmos e Preconceitos”. Como no poema o corpo da pessoa idosa muitas vezes se torna, enrijecido, nesse caso o da mulher idosa, existe o preconceito dela própria que não se vê mais com tantas habilidades e os preconceitos internalizados por aqueles que não a julgam capaz nem de ser livre e muito menos de se sentir autônoma de novo.

2 Considerações

Já sabendo que as experiências corporais sempre estão registradas nas memórias do corpo de cada pessoa, foi justamente com essa memória corporal trazida por cada uma das senhoras mulheres aposentadas que a coreografia do samba de roda se concretizou. A estreia aconteceu na semana da consciência negra realizado pela prefeitura municipal de Jequié BA e depois disso foram convidadas para se apresentarem em mais outros lugares e tiveram público garantido no dia municipal da cultura, realizado pela secretaria municipal de

turismo, lazer e cultura da mesma cidade.

Os corpos saem exaustos em cada dia que elas se apresentam, o suor escorrendo no rosto, os cabelos bagunçados e nos lábios um sorriso de rejuvenescimento e nos olhos um grande contentamento. Felizes por estarem ali, com idade e com o tempo vivido que cada uma carrega. Um sentimento de serem pertencentes a um grupo social ativo, de novo.

3. Referências Bibliográficas

Barth, Fredrik. Introducción. In: —. (org.) *Los grupos étnicos y sus fronteras*. México: Fondo de Cultura Económica, 1976.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1994.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Saúde da Família: Uma Estratégia de organização dos serviços de saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 1996.

BRASIL: Secretaria Nacional dos Direitos Humanos. Política Nacional do Idoso, BRASÍLIA, 1998.

CRUZ E SOUZA: *O Emparedado*. São Paulo, Edições Cultura, 1943.

D'INCAO, M. A. *A mulher e família burguesa*. In: PRIORE, M.D. (org);

DOSSIÊ IPHAN – *Samba de Roda do Recôncavo Baiano* – Brasília DF 2006.

OLIVEIRA G de C. *Psicomotricidade: Educação e Reeducação num enfoque psicopedagógico*. 5ª edição, Petrópolis – editora vozes, 2001.

PINHO O. *O Mundo Negro: Sócio-Antropologia da Reafricanização em Salvador*. Campinas, SP – 2003

PRIORI, M. D. (coord. de textos) – *Histórias das mulheres no Brasil*. - 3.ed.- São Paulo. Contexto, 2000.

VENANCIO, B. P. *Pequenos Espetáculos da Memória: registro cênico- dramaturgico de uma trupe de mulheres idosas*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

ZILBERBEAG, T. P. *Possibilidades corporais como expressão da inteligência humana no processo de ensino aprendizagem*. Campinas, SP: 2007.